

Artigo científico ganha prémio do ano

O artigo científico “Social innovation and social entrepreneurship: discovering origins, exploring current and future trends” da autoria dos docentes da Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova do IPCB Luís Farinha, João Renato Sebastião e Carlos Sampaio e de João Lopes, docente do ISAG – Porto, foi distinguido ex-aequo com o prémio “2020 Best Article of the Year”.

Em nota enviada ao Reconquista, o Politécnico de Castelo Branco explica que

este é “um prémio atribuído anualmente pela International Review on Public and Nonprofit Marketing ao artigo mais votado pelo Editorial Review Board de entre todas as publicações editadas pela revista nos quatro números de cada ano”.

O trabalho apresentado “visa mapear a evolução temática associada à inovação social e ao empreendedorismo social ao longo dos séculos XX e XXI, revelando o foco da produção científica nesta área do

conhecimento, identificando ainda novas tendências e caminhos de investigação para o futuro”.



JOVENS CLARINETISTAS

Aluna da Esart ganha prémio nacional



Inês Pereira Simões obteve o segundo lugar

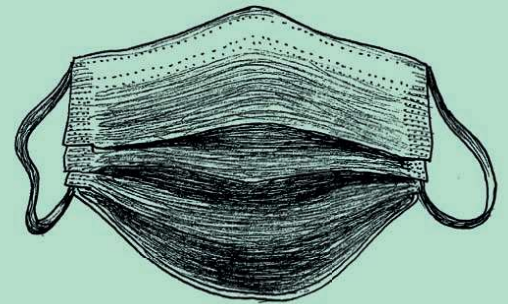
A aluna da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, Inês Pereira Simões, conquistou o 2.º prémio na Categoria Júnior do X Concurso Nacional Jovens Clarinetistas.

A informação foi veiculada pela instituição de ensino superior. Estudante do 1.º ano da licenciatura em Música - Variante de Instrumento - Clarinete, da classe dos Professores Carlos Alves e Pedro Ladeira, Inês Simões teve um excelente desempenho na competição organizada pela Associação Portuguesa do Clarinete, este ano em formato online.

De acordo com o Politécnico, “este concurso nacional tem como objetivos contribuir, estimular e desenvolver o ensino do clarinete bem como a evolução dos jovens clarinetistas e destina-se a todos os clarinetistas portugueses ou que residam/estudem em Portugal no mínimo há três anos e não tenham mais de 25 anos à data de 31 de dezembro de 2020”.

O concurso divide-se em cinco escalões: Infantil (até aos 11 anos), Inicial (até aos 13 anos), Juvenil (até aos 15 anos), Júnior (até aos 18 anos) e Sénior (até aos 25 anos).

O ANDRÉ DIZIA QUE JAMAIS USARIA UMA MÁSCARA. AGORA QUE ESTÁ INTERNADO, USA-A 24H POR DIA.



Conheces o André? Claro que conheces. Todos conhecemos um André. Alguns de nós até somos o próprio André: continuamos a recusar usar máscara, ou usamos quando dá jeito e como dá jeito. Se é o teu caso, André, continua a ler.

Vamos admitir que estás num local exterior onde não é possível manter o distanciamento físico, ou num espaço fechado com outras pessoas. Enquanto ainda conservas as tuas capacidades físicas e mentais intactas, olha à tua volta e pensa: por que razão está tanta gente com máscara? Porque têm medo? Porque seguem acriticamente tudo o que os cientistas e os médicos e as autoridades dizem? Porque são todos feios? Porque não querem ser multados? Porque está na moda e agora até há umas bem giras com padrões e cores a condizer com a roupa? Porque não sabem que a ineficácia da proteção facial está cientificamente comprovada pelas redes sociais? Porque sim? Não, André. A razão pela qual as pessoas à tua volta estão a usar máscara é tu. É por tua causa. É para não te infetarem no caso de terem o vírus sem o saberem. É esse, antes de mais, o intuito da máscara: proteger os outros. Proteger-te a ti.

Evitar que, por exemplo numa das tuas conversas sem máscara sobre o embuste das máscaras, o vírus te entre pela boca e pelo nariz e se instale nas tuas vias respiratórias superiores fazendo delas a base de um ataque que destruirá, em poucos dias, tudo o que pode destruir no teu corpo. E é muito, André. Muito mesmo. Depois de te invadir através das gotículas que inalaste, o vírus corrompe as tuas células e programa-as para se multiplicar exponencialmente. Se o teu sistema imunitário não te defender nesta fase inicial, o vírus atravessa os brônquios, desce até aos pulmões e torna-se o destruidor que todos conhecemos.

A partir daqui já não é apenas uma leve tosse seca, uma simples febre ou um ligeiro cansaço que ele provoca. A partir daqui, o vírus infiltra-se nos alvéolos, reduz a oxigenação do sangue, multiplica-se com ele e isso tem consequências catastróficas para o teu corpo, entretanto muito debilitado pela luta desigual entre um sistema imunitário impreparado para esta guerra e um inimigo implacável e desconhecido. Um inimigo que te enche os pulmões de líquido e células mortas até acabar por bloquear as trocas gasosas.

De repente, queres respirar mas não tens ar, queres falar mas não tens fala, queres mexer-te mas os músculos não obedecem. O teu corpo, o único que tens, está prestes a render-se. Só não o faz porque há um ventilador a ajudá-lo a manter-se na luta, André. E não nos venhas dizer que não és o André. Não nos venhas dizer que estas coisas só acontecem aos outros, ao corpo dos outros, à família dos outros, aos amigos dos outros, aos colegas dos outros. “Eles que lavem as mãos, eles que mantenham a distância, eles que façam o que é preciso para o vírus não entrar”. Isto foi o que disse o André e olha como ele está: de máscara. Todo o dia. Todos os dias. Que podem já não ser muitos.

NÃO DEIXES O VÍRUS ENTRAR.